

Ana Paula Tavares*

“Apagaram o meu nome de todas as ruas” e outros poemas

Apagaram o meu nome de todas as ruas
das listas organizadas dos heróis
das esquinas da escrita
do desenho.

Não tenho nome agora
do meu título ninguém se lembra
a água da roupa das mulheres
a pedra onde bate a força das mulheres
junta sílabas de silêncio
um nome antigo se desenha
mãe

*E, no entanto, meu coração nunca esquecerá
quem deu a própria vida por um único olhar.*

Anna Akhmátova

Cortaram-me a torre de salalé pelo pescoço
e não queriam que olhasse
estátua de sal mulher terra bicho de conta
chão em carne viva para a semente
altar onde ardem fogueiras eternas

as árvores de verde lento
por cima da tarde
como a casa longe
do bosque e da montanha
é das formigas
o labor contínuo
uma magia azul e negra

Da espiga sou a semente comida
pelo tempo e o bico dos pássaros
mais frequentes.

À amiga não sobra tempo
para se afogar num mar de lágrimas
tanta é a vida por viver
a caixa fechada o novelo de vento.

Mãe, vem ver a noite imensa
Onde não cabe a nuvem
A sua chuva e todas as gotas pequenas.
Mãe, olha
mil anos tem este ano
nos seus estreitos meses.

NOTA

* Ana Paula Tavares é uma poeta e historiadora angolana. Doutorada em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa, é coordenadora do Grupo de Investigação Culturas e Literaturas e Culturas Africanas de Língua Portuguesa, no CLEPUL, da Universidade de Lisboa, onde lecciona. Coordenou o Gabinete de Investigação do Centro Nacional de Documentação Histórica, em Luanda, e colabora com o AHNA (Arquivo Histórico Nacional de Angola). É autora de poesia, crónicas e romance, com títulos como *Ritos de Passagem* (1985); *Dizes-me Coisas Amargas Como Os Frutos* (2001); *A Cabeça de Salomé* (2004); e *Manual Para Amantes Desesperados* (2007). Foi distinguida com o *Prémio Literário Mário António*, da Fundação Calouste Gulbenkian (2004), o *Prémio Nacional de Cultura e Arte* (Luanda, 2007) e o *Premio Internazionale Ceppo/Pistoia*, Florença (2013).